

“SOPA”

Uma peça curta de Diego Pinheiro

Personagens: HB e HM. Os dois são iguais fisicamente e vestem-se com roupas iguais. HB está com um guardanapo na gola de sua camisa.

Cenário: Uma mesa grande e retangular ocupa o centro do palco. Ao fundo um relógio de parede.

HB ocupa a cabeceira da esquerda. Toma sopa e faz sons insuportáveis. HM está de pé na cabeceira da direita, se apóia na cadeira vazia, está com um ar de dúvida. Tenta falar com HB mais não consegue, o som que o outro faz o impede. HM bate na mesa para chamar atenção do HB. HB olha HM. Tira o guardanapo. Levanta-se. Caminha até o HM (são passos lentos e pesados) e lhe dá um beijo na testa. Volta, coloca o guardanapo no pescoço, senta-se e continua a tomar sua sopa. HM começa a gemer, parece sentir dores na testa. Senta-se a mesa. Começa a tomar uma sopa que não existe em seu prato. Lança o prato na direção do outro, mas não atinge HB. Bate na mesa com raiva e levanta. Senta-se. Bate na mesa com raiva e levanta. Senta-se. Bate na mesa com raiva e levanta. HB olha na direção dele. HM se senta. Eles se olham durante um tempo.

HB – Sem vontade.

Silêncio. HM ainda olha fixamente para HB. Abaixa a cabeça. Olha para platéia. Limpa o suor. Respira fundo.

HB – O cachorro estará morto hoje. Pontualmente às 07h:32min a bala que minha pistola expelirá será explodida em sua testa ornamentada e peluda. Mas antes eu vou torturar tanto aquele filho da... que a cadela que vive em sua casa não o reconhecerá...

HM – Esconderam ele...

HB – Mentira! Eu o vi entrando em sua casa ontem... Está lá, tentando salvar a sua vida da minha. Mas não há saída! O que será feito, será feito e...

HM – Me dá uma colherada de sopa... Tenho muita necessidade de uma colherada... Sei que você inseriu pimentão... *(Grita)* Me dá uma colherada de sopa, porra!

HB se levanta, pega uma colherada de sopa. Atravessa toda a mesa e dá a sopa na boca do HM. Volta. Senta-se. Recomeça a tomar sua sopa. Faz sons insuportáveis.

HM – Não existe pimentão nessa colherada! *(Pausa)* Hum... você me deu uma colherada sem pimentão... Me dá uma colherada com pimentão!

HB pega mais uma colherada, dessa vez com uma rodela de pimentão, Caminha até o outro extremo da mesa e dá sopa na boca do HM.

HM – Hum... Bom... Hum... *(Pausa)* Você vai fa...

HB – Vou e acabou... Não posso deixar de não fazer e ponto.

HM – Quanto te pagaram?

HB – Mas veja só...

HM – Quanto te pagaram?

HB – Por que você quer saber?

HM – Só pra saber.

HB – Mas isso não tem sentido... Só pra você saber? Como assim só pra você saber? *(Pausa. Toma uma colherada de sopa)* Então é assim. Você quer saber, só por querer saber e eu devo falar sobre todas as minhas questões pessoais? *(Pausa)* É... *(Pausa. Toma uma colherada de sopa)* Assim?

HM – Não sabia que isso chatearia você não ferozmente.

HB – Mas eu não estou chateado ferozmente. As pessoas não sabem a diferença de se estar chateado e de estar muito indignado.

HM – Mas chateado e indignado podem ser a mesma coisa.

HB – Não... não é!

HM – Não vou discutir com você.

Silêncio. HB faz sons insuportáveis ao tomar a sopa. HM fica quieto vendo o HB tomar a sopa.

HB – Eu vou fazer de graça.

HM – O quê?

HB – *(Para de tomar sopa)* Eu vou fazer de graça.

HM – Hã... Fazer de graça?

HB – *(Pausadamente e enfático)* EU VOU FA-ZER DE GRA-ÇA!

HM – Sim... O quê?

HB – *(Indignado. Volta a tomar a sopa)* Vou ter que fazer mais sopa, a minha já acabou.

HM – Faz uma panela pra mim?

HB – Faço.

HM – Me dá um beijo?

HB se levanta, caminha em direção a outra cabeceira da mesa e dá um beijo da boca do HM. Volta e senta-se. HM começa a sentir dores insuportáveis na boca, como se fosse uma dor de dentes. HB pega uma panela em baixo da mesa, abre o zíper da calça e começa a mijar na panela. Fica com cara de alívio. HM olha para isso com felicidade. HB pega um pimentão em baixo da mesa juntamente com uma faca e começa a cortá-lo em rodela, jogando-as para panela. Mistura bem durante alguns segundos. Pega uma concha em baixo da mesa e coloca um pouco de “sopa” em seu prato. Leva a panela para o HM, volta e começa a tomar a sua sopa. HM começa a tomar “a sopa”.

HM – Hum... hum... *(Pausa)* Você já tem uma arma?

HB – Sim.

HM – Eu posso ver?

HB – Por quê? Já disse que tenho. Não é suficiente?

HM – Eu não to duvidando de você.

HB – Pronto... Então é o suficiente. Eu tenho a arma.

HM – *(Irritado)* Deixa eu ver a arma, porra!

HB tira a arma do bolso e mostra para o HM. É uma arma de brinquedo. HB aperta o gatilho e sai água.

HM – Você já sabe onde vai ser o tiro?

HB – Eu disse que será em sua testa ornamentada e peluda!

HM – Você não tem pena da cadela que vive na casa dele?

HB – Claro que tenho... Mas me pediram e eu vou fazer. *(Pausa)* Promessa... *(Pausa)* Sabe como é.

HM – Vão de pagar quanto?

HM olha o HM com irritação.

HM – O que foi?

HB – Nada!

HM – Vão te pagar quanto?

HB – Eu já disse.

HM – Você já disse...? Mas que mentira é essa?

HB – *(Levanta-se muito irritado)* Não me chama de mentiroso!

HM – Me dá um abraço.

Pausa. HB caminha até a outra cabeceira da mesa e abraça o HM, depois volta a seu lugar, senta-se. HM sente dores nas costas. Senta-se. Os dois recomeçam a tomar “a sopa”.

HB – Vou fazer de graça.

HM – *(Tomando a sopa)* O quê?

HB – Vou fazer de graça!

HM – Vai fazer o quê?

HB – Você sabe. Não vou entrar em detalhes.

HM – Nunca pensou em ganhar dinheiro? Abrir uma firma? *(Pausa)* Um mercadinho, hã? *(Pausa)* Eu sou rico, muito rico! Você é... hum... O que você parece ser?

HB – *(Para de tomar sopa)* Homem?

HM – *(Grita irritado)* Está dizendo que eu não sou homem, seu filho da puta!?

Silêncio. Os dois se olham com raiva. HM bebe toda a sopa que está na panela de uma só vez. Olha para o HB. Pausa.

HM – Quero uma colherada de sua sopa. Com uma rodela de pimentão.

HB se levanta, pega uma colherada de sopa. Atravessa toda a mesa e dá a sopa na boca do HM. Volta. Senta-se. Recomeça a tomar sua sopa. Faz sons insuportáveis. Silêncio.

HM – Tem uma bala?

HB – *(Olha para o HM. Pausa)* Não.

HM – Como vai matar o cachorro sem uma bala?

Silêncio.

HB – Você tem uma?

HM – Uma o quê?

HB – Uma bala?

HM – Tenho.

HB – Você pode me dar?

HM – Não!

HB – Então tudo bem...

HM – Para que você quer uma bala?

HB – Preciso matar o cachorro... Você sabe.

HM – Isso não é um motivo para você querer a minha bala.

HB – Ora... mas qual seria o motivo então?

HM – Você poderia muito bem matar o cachorro envenenado, com uma facada, uma paulada na cabeça... Para que ter esse trabalho todo?

HB – Não é de sua conta!

HM – Também não precisa se irritar... Por causa de uma perguntinha besta?

HB – Mas eu não estou irritado... *(Pausa)* Você não sabe quando uma pessoa fica indignada? Eu estou indignado! Por que você quer saber de meus assuntos pessoais, quando te dei essa liberdade? *(Calmo. Toma a sua sopa)*

Silêncio.

HM – Por que você precisa de uma bala?

HB olha o HM.

HM – Me dá um beijo...

HB se levanta, caminha em direção a outra cabeceira da mesa e dá um beijo da bochecha do HM. Volta e senta-se. HM começa a sentir dores insuportáveis na bochecha. Silêncio.

HB – Porque a condição foi essa...

HM – Que condição?

HB – A condição... a bala...

HM – Bala?

HB – Você...

HM – A bala... *(Pausa)* Não tem... *(Pausa)* Não tem mais sopa, não é?

HB – Não tenho mais vontade.

HM – Entendo... A vontade é algo tão divino, não acha? Por que as vontades pessoais não são como as vontades físicas? Acho que deveria ser assim. *(Pausa)* As pessoas sentem vontades, e elas precisam matar as vontades... Porque é só assim com vontades físicas? *(Pausa)* Se você tem dor de barriga você caga... se tem vontade de mijar... Você... Você... mija... *(Pausa. Olha para o HB)* Por que não é assim com as outras coisas... com as outras vontades? Por que tudo é tão difícil nessa vida? Eu tenho vontade de me... de me... Ah... *(Silêncio. Abaixa a cabeça. Olha pra mesa)* Não tem mais sopa? *(Pausa)* Sem sopa? *(Silêncio)* Ai, ai... *(Pausa)* Tenho uma vontade tremenda... e... tenho que confiar isso a você? *(Olha para baixo)* É assim? As coisas são assim... *(Pausa)* Maldita seja a tua... a minha vontade... *(Pausa)* Não há sopa. Não tem sopa... Não há sopa?

Silêncio.

HB – *(Olha para o HM)* Você está com vontade de tomar sopa?

HM – Não... Tenho outra vontade... *(Pausa)* Me dá o seu prato.

HB leva o seu prato, ainda com sopa para o HM. Volta a seu lugar, senta-se. Olha para o HM, que toma a sopa bem lentamente.

HB – Acho melhor nós dois rezarmos...

HM – Você se lembra do Richard?

HB – Richard? Quem é Richard?

HM – Claro que você se lembra... Como não lembraria? Você estava lá comigo... naquele dia.

HB – Que dia?

HM – *(Toma sopa. Olha para o prato)* Naquele dia o Richard matou uma pessoa... e depois... *(Pausa)* Ele morreu... *(Olha para o HB)* Não lembra?

HB – Antes de tudo temos que rezar.

HM – O que é isso?

HB – Isso o que?

HM – Isso que acabou de dizer... rizi... rezu...

HB – Reza! *(Enfático)* RE-ZA! Você está surdo agora?

HM – Isso não deixa de ser uma palavra bonita.

HB – Vamos rezar.

HM – Me dá um abraço... Mas eu não quero me levantar. *(HB não se move. HM bate na mesa e grita)* Me dá um abraço, porra... Me dá um abraço, seu filho da puta... Um abraço!

HB se levanta. Fica as costas da cadeira em que o HM está sentado. Abraça-o pelas costas.

HM – Me dá um beijo.

HB dá um beijo na cabeça do Homem Mau. HM sente dores no corpo todo, cai da cadeira e geme de dor. Para. Fica em posição fetal. Treme. Geme de dor. HB, fica ainda em pé, olhando a situação impassível. HM estende a mão para o HB como se tivesse pedindo ajuda. Seus dedos estão tensionados em demasia. HB ajuda HM a se levantar. Eles se olham. Silêncio. Sentam-se em seus lugares. HM começa a tomar sua sopa.

HM – Eu estou bem. *(Acaba de tomar sua sopa)* A sopa acabou. *(Pausa)* Não tem mais sopa? Sem sopa? Sem sopa! *(Pausa)* Não há sopa... Não há! Sem sopa...

HB – Não tenho vontade.

HM – Richard?

HB – Richard?

HM – Pensei ter ouvido a voz de Richard.

HB – Richard está morto!

HM – Então você se lembra daquele dia.

HB – Que dia?

HM – O dia em que o Richard matou uma pessoa... e depois... morreu...

HB – Claro que eu lembro...

HM – (*Sente dores pelo corpo*) Lembra de como ele morreu?

HB – Antes de tudo temos que rezar.

HM – O Richard morava em uma casa que tinha quatro andares... e ele morava em todos os andares... Me convidou... (*Olha para o HB*) Nos convidou para aquele chá na casa dele... Lembra?

HB – Temo que rezar o quanto antes... ou tudo estará perdido.

HM – Ele me disse: Temos torradas, temos leite, café, chá, pão, biscoitos, sucos, feijões, homens, arrozes, amendoins, bife, caviar, mulheres, peixe frito, lasanha, animais, macacos na brasa... Eu disse que não queria nada daquilo... Queria sopa... só sopa...

HB – Está com o terço?

HM – Deixa eu contar a história?

HB – Não quero ouvir essa história. É horrível ouvir uma história onde você é um dos personagens...

HM – (*Irritado*) Então saia daqui... Eu conto a história para as moscas...

HB – Está com o terço?

HM – (*Mais irritado*) Não quero saber de terço... Não quero saber de você... Me dá mais sopa!

HB – Eu não tenho vontade!

HM – (*Grita irritado*) Isso é mentira! Me dá mais sopa, seu filho da puta! Seu porco! Escroto de uma figa!

HB – Eu não tenho vontade, eu já disse! Por acaso você é surdo?

HM – (*Ainda exaltado*) Surda é a vadia da sua mãe! Me dá sopa! Quero uma porra de uma colherada!

HB – Temos que rezar. Pegue o terço!

HM – *(Irritado)* Vai tomar em seu cú! Você, a reza, o terço... tudo! Me dá a porra da sopa, caralho!

HB – Não tenho vontade. Não tem mais sopa e nem pimentão!

HM – *(Grita em suplício)* Então me mata logo, porra!

HB saca a arma e atira no HM. A bala atinge o centro da testa. HM cai morto na cadeira. HB olha para ele. Silêncio. Fica na mesma posição do HM. O relógio de parede alarma: 07h:32min. Pano.

Salvador, 14 de Julho de 2010. 01h:12min